

REPÓRTER X – UMA REVISTA SOB PSEUDÓNIMO

JORGE PEDRO SOUSA
(Universidade Fernando Pessoa e ICNOVA)
jpsousa@ufp.edu.pt

PATRÍCIA TEIXEIRA
(ICNOVA)
patriciaoliveirateixeira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Por muito que já se tenha escrito sobre o repórter, escritor, cineasta e editor Reinaldo Ferreira (Sucena, 1996; Rocha, 2001; Lima, 2004; Godinho, 2009: 135-170; Fava, 2010; Lima, 2017; Lima, 2018), nascido em 1897 e falecido em 1935, mais conhecido pelo seu pseudónimo “Repórter X”, o interesse sobre a vida e obra desta figura ímpar, complexa e polémica do jornalismo português e do romance policial em Portugal mantém-se vivo. São vários os sinais da imortalidade simbólica que ele e a sua obra adquiriram. Por exemplo, em 1998, a Câmara Municipal de Lisboa organizou uma exposição sobre a vida e obra de Reinaldo Ferreira. Gonçalo Pereira Rosa (2015 73-84; 2017: 73-82) narra de dois dos episódios protagonizados pelo “Repórter X” nos seus recentes livros memorialísticos, que traçam uma bem-humorada, mas importante, história do jornalismo português, por meio da evocação de alguns dos seus casos mais marcantes. Em 2017, foi reeditado *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*¹ e, em 2018, foi reeditada a novela policial *Punhais Misteriosos*².

¹ Trata-se de uma novela policial publicada por Reinaldo Ferreira, sob o pseudónimo de Gil Góis, em 1917, em jeito de folhetim, no matutino *O Século*, ao tempo o diário de maior circulação em Portugal. A edição de 2017 é antecedida por um estudo do principal biógrafo do autor, Joel Lima.

² Trata-se de uma novela policial escrita em Barcelona e publicada, por Reinaldo Ferreira, sob o pseudónimo de Edgar Duque, entre agosto e novembro de 1924, como folhetim, no matutino *Correio da Manhã*. Reinaldo Ferreira adaptou a obra ao cinema, mas o filme não sobreviveu.

Efetivamente, Reinaldo Ferreira foi – com grande probabilidade – o mais famoso repórter português de sempre. Seguramente, era o mais famoso no seu tempo. Dele disse Jacinto Godinho (2011: 10) que era “a imagem pública e simbólica do repórter em Portugal”. João Soares (1998: 5) justificou a fama alcançada pelo “Repórter X” nos seguintes termos:

Numa época em que alguns temas eram tabu e o ambiente cultural teimava em marginalizar temas, estilos e universos artísticos, Reinaldo Ferreira soube abrir caminho para a dignificação de alguns deles.

E deu à reportagem jornalística uma dimensão nova que outros (...) mais tarde seguiram e a que deram o estatuto de maioridade.

No entanto, as práticas “jornalísticas” de Reinaldo Ferreira nem sempre se colam aos valores que definem – e já então iam definindo – o jornalismo. Efetivamente, da sua fervilhante imaginação, brotaram inúmeros elementos ficcionais que, nas suas “reportagens”, ele fazia passar por verdadeiros. Um dos pioneiros do estudo da evolução da reportagem em Portugal, Jacinto Godinho (2011: 10), enfatiza-o:

O caso Reinaldo Ferreira é um bom exemplo de como foi desbaratada a credibilidade dos repórteres enquanto observadores ambulantes da vida. Reinaldo Ferreira, o Repórter X, era a imagem pública e simbólica do repórter em Portugal. A invenção de “falsas reportagens de escândalo” nas páginas da publicação que dirigia – *X: Semanário de Grandes Reportagens* – contribuiu para pôr em crise a autoridade do repórter, que reside sempre de forma frágil apenas na responsabilidade e na ética.

Tratava-se de uma visão da reportagem que já então colidia com os valores apregoados pelos repórteres³ (cf. Redondo, 193_: 39-43). Hoje, provavelmente, classificar-se-ia Reinaldo Ferreira como um produtor de notícias falsas (*fake news*), um criador de pseudofactos, alguém que se situaria na fronteira, por vezes ténue, entre o jornalismo literário e a literatura assumidamente ficcional – per-

³ Atente-se no que escreveu o jornalista e repórter Belo Redondo (193_: 39-43): “A reportagem é a arte mais nobre do jornalismo (...), a mais compensadora, porque tem maior poder de sugestão (...) sobre o leitor. A reportagem (...) suplanta a crónica porque é mais objetiva, mais real, mais dinâmica; supera a crítica, porque os seus conceitos assentam nos factos (...). Ela (...) é a fotografia animada da Vida, nos seus altos e baixos (...). Eis porque os grandes jornalistas foram sempre recrutados entre os grandes repórteres. A reportagem (...) não faz os acontecimentos: descreve-os e interpreta-os. Para dizer a vida com exatidão (...). O repórter é (...) o mais fiel intérprete da vida de hoje, porque da Vida só interessa o aspeto objetivo – a notícia (...), esta obsessão (...) pelo *facto*”.

sonagem fascinante, sem dúvida, mas dificilmente um jornalista. A sua forma de ser e fazer expô-lo, aliás, a críticas, por vezes violentas⁴ (cf. Araújo, 1931; Ferreira, 1932), dos seus coevos.

Paradoxalmente, para os seus pares coetâneos – e para a história do jornalismo português – Reinaldo Ferreira era, enquanto repórter, um jornalista. De corpo inteiro. Sucena (1996: 34-35) sustenta, nomeadamente, que Reinaldo Ferreira lançou na imprensa portuguesa “um género de reportagem à altura da sua carreira de grande repórter, criando um ambiente de *suspense* para extrair do caso determinadas ilações”. Manuel João Coutinho (2015: 37-38) salienta o carácter “inovador” das reportagens de Reinaldo Ferreira, que “influenciaram” e “mudaram” o “paradigma português de reportagem”, notando nelas a proposta de “imersividade” do leitor na narrativa, própria do jornalismo literário, embora também reconheça a “ficcionalização literária” com que o autor as “embelezava”. Igual juízo manifesta Jacinto Godinho (2009: 137):

as reportagens de Reinaldo Ferreira são de tal forma desmesuradas e invulgares, que (...) são um excesso que desafia todas as interpretações. O que é interessante no caso “Repórter X” é exatamente aquilo que nele se condena – a facilidade com que “inventa” reportagens. Só “inventa” reportagens quem domina muito bem os seus mecanismos ocultos.

Reinaldo Ferreira teve uma curta carreira, num tempo em que ainda se matizava pejorativamente a palavra repórter “neste país de literariomania jornalística” (Fonseca, 193_: 71), mas marcou a sua época. Sinal do reconhecimento que obteve entre os seus amigos e camaradas de profissão, pouco tempo após a sua prematura morte foi publicado, homenageando-o postumamente, *O Livro do Repórter X* (193_), organizado por outro famoso jornalista, seu contemporâneo, Mário Domingues. Esse livro reúne textos de vários jornalistas que se cruzaram com Reinaldo Ferreira. Embora o tom da prosa deva ser enquadrado no objetivo do livro, nele encontram-se testemunhos do impacto que teve Reinaldo Ferreira no meio jornalístico português do seu tempo. Aguiñaldo Escalera (193_: 25-26), por exemplo, escreveu, recordando o “Repórter X”: “perdeu

⁴ Alfredo d’Assunção Araújo (1931), colaborador do burlão Alves Reis, acusou Reinaldo Ferreira e o seu adjunto, Mário Domingues (“O Negro da Batalha”), de terem recebido mais de 30 contos de Alves dos Reis, a fim de atacarem, na revista *Repórter X*, a posição do banco de Portugal. Idílio Ferreira (1932) criticou as reportagens “mentirosas” publicadas, pela mão de Reinaldo Ferreira e Mário Domingues, na revista *Repórter X*, da qual fora jornalista. Anuncia que iria fundar a revista *Alerta! Semanário de Todas as Reportagens* (sairiam somente 11 números, entre 5 de março e 11 de junho de 1932), para concorrer com a revista *Repórter X*.

Portugal (...) a força mais poderosa do seu jornalismo contemporâneo (...), (...) jornalista brilhante, (...) repórter do imprevisível e do sensacional (...). Todos os seus camaradas jamais conheceram (...) repórter mais vivo e interessante”. Belo Redondo (193_: 43) acrescentou que as suas reportagens “tinham um alto sentido de humanidade”. E João de Sousa Fonseca (193_: 71) realçou que Reinaldo Ferreira foi “o melhor repórter, (...) pelo exemplo da sua vida profissional e pela força do seu talento”.

Paradoxalmente, além de referências descritivas esparsas na obra *O Porto do “Repórter X”*, de Joel Lima (2004), de uma análise de Jacinto Godinho (2009: 135-170) e de uma ficha bibliográfica, da autoria de Rita Correia (2016), não existem – ou não se encontraram – estudos aprofundados sobre a revista que Reinaldo Ferreira cunhou com o seu pseudónimo, a *Repórter X* (1930-1933), nem sobre outras das revistas – de curta longevidade – que ele idealizou e editou (*Homens e Factos do Dia*, *O Jornal do Repórter X*, *X – Semanário de Grandes Reportagens*), e que serão aquelas que melhor refletirão as suas ideias sobre o jornalismo. Sobre este último argumento, idêntica perspetiva foi manifestada por vários camaradas coevos de Reinaldo Ferreira. O jornalista Aguinaldo Escaleira, por exemplo, escreveu sobre a revista *Repórter X*, que bem conheceu: foi “a mais bela criação” de Reinaldo Ferreira, “grande jornalista moderno”. E continua: “A coleção desse grande semanário vale um tesouro, porque nas suas páginas estão condensadas todas as suas grandes qualidades de repórter” (Escaleira, 193_: 34). O jornalista Mário Domingues (193_116), por sua vez, disse da revista *Repórter X* ser “a materialização gráfica do (...) espírito pleno de inquietação” de Reinaldo Ferreira. Jacinto Godinho (2009: 135) considera essa revista “a primeira publicação [portuguesa] dedicada à ‘grande reportagem’, o género da moda, então, por toda a Europa”.

O jornal *Repórter X* demonstra que o repórter é, nos inícios dos anos 30, uma figura de sucesso estabilizada e suficientemente potente para ser requisitado um pouco por todo o lado na cultura do mundo ocidental (...), (...) um fenómeno de tal forma na moda que por todo o lado existia a febre de mapear o mundo em reportagem. Como tudo o que atrai a atenção, não só se desejava conhecer os mundos ocultos que a reportagem prometia resolver (os subterrâneos da sociedade, da política), como se ansiava conhecer o próprio dispositivo oculto da reportagem (os bastidores, como era feita, quem eram os repórteres, como viviam). (...) O “pudor” ético, a “coordenada invisibilidade” do mediador, as reportagens sensacionais e atrativas, revelando escândalos, contribuíam para uma enorme curiosidade em volta dos repórteres. (Godinho, 2009: 137-138)

No entanto, Jacinto Godinho (2009: 135-170) tem da revista *Repórter X* uma perspectiva crítica. Para o autor, a *Repórter X*, enquanto instrumento da “política do espírito”, segundo a expressão que, mais tarde, António Ferro (1935; 1943) consagrou, serviu a ideologia nacionalista e autoritária que alimentou a Ditadura Nacional e o Estado Novo, ao contrapor a “imoralidade” alimentada pela I República, e da qual ainda se notariam vestígios, à ordem social e moral prometida pela Ditadura (Godinho, 2009: 135), já prenhe das ideias salazaristas. Será essa o melhor juízo sobre a revista? Poder-se-ão, sobre ela, fazer avaliações alternativas?

A pesquisa aqui apresentada pretende compensar a lacuna existente no estudo da vida e obra de Reinaldo Ferreira, analisando, em profundidade, a revista *Repórter X* a partir da hipótese de que, conforme escreveram Aguinaldo Escaleira e Mário Domingues, atrás citados, haveria uma sintonia entre a revista e a conceção que o seu editor fazia do jornalismo.

Foram objetivos da pesquisa: (1) descrever a forma e estrutura da revista *Repórter X*; (2) narrar, resumidamente, a respetiva história, a partir dos dados da própria publicação; (3) determinar, através de uma análise de conteúdo, os temas que abordou e os géneros jornalísticos a que recorreu; (4) determinar os enquadramentos dominantes sugeridos pela revista, principalmente sobre Portugal e os portugueses, por meio do desvelamento das ideias centrais e do tom do discurso e do levantamento das fórmulas retóricas que lhe subjazeram, demonstrando, por esta via, as intenções do seu promotor e outros enunciadores; (5) determinar o pensamento jornalístico de Reinaldo Ferreira, à luz do que escreveu na revista; e (6) enquadrar a aparição da revista no contexto jornalístico da época e na conceção que Reinaldo Ferreira, pela prática e pelo discurso, evidenciava ter do jornalismo. Em particular, a pesquisa procurará responder a uma questão intrigante: como e por que é que uma revista sensacionalista e nem sempre verídica como foi a *Repórter X* expunha misérias do país sem que a censura atuasse?

A metodologia adotada no estudo combinou: (1) o levantamento documental e bibliográfico, que permitiu evocar a vida e obra de Reinaldo Ferreira e relembrar o contexto histórico-cultural e jornalístico dos tempos em que a figura central desta pesquisa atuou na imprensa; (2) a análise formal descritiva da revista *Repórter X*; e (3) a análise de conteúdo do discurso, com base nos procedimentos propostos por Wimmer e Dominick (1996), Sousa (2006) e Sheufele (2008a e 2008b). A análise quantitativa do discurso assentou, conforme foi sugerido pelos quatro autores citados, na categorização das peças da revista segundo os respetivos géneros jornalísticos, com categorias definidas e descritas *a priori*, aprimoradas no decorrer do estudo; a análise qualitativa do discurso baseou-se na recuperação sistemática, permitida pela leitura de todos os números da revista, de fragmentos

do texto escrito e imagético, expressões e palavras capazes de contribuir para a escrutinação e interpretação do respetivo discurso, especialmente quando este foi protagonizado pelo próprio Reinaldo Ferreira, o que resultou numa amostra arbitrária de casos discursivos notáveis (amostragem intencional não probabilística sistemática).

Os resultados da análise do discurso da revista *Repórter X* foram interpretados em conexão com o contexto coevo, assumindo-se, na interpretação, uma perspetiva cultural, hermenêutica, e não crítica, sobre o discurso da revista. Os dados da análise do discurso contribuíram, em acréscimo, para a teorização sobre o discurso da revista a partir do seu próprio discurso – mimetizando os procedimentos da teoria fundada nos dados.

1. REINALDO FERREIRA – TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Documentando a importância de Reinaldo Ferreira para o jornalismo português, existem abundantes dados e obras sobre a sua vida (Domingues, org., 193_; Sucena, 1996; Rêgo e Sá, coords., 1998; Rocha, 2001; Lima, 2004; Fava, 2010; Rosa, 2015 73-84; Lima, 2017; Lima, 2018; Rosa, 2017: 73-82). Não é, pois, problemático, esboçar, a partir da bibliografia, um breve apontamento sobre a biografia de Reinaldo Ferreira, incidindo no seu trabalho como jornalista. Deixar-se-ão de lado as dezenas de romances e novelas que publicou e os filmes que realizou, embora Reinaldo Ferreira, além de repórter, tenha sido um dos pioneiros do cinema em Portugal e um dos primeiros e mais prolixos escritores policiais e de mistério portugueses.

Reinaldo Ferreira nasceu a 10 de agosto de 1897, em Lisboa. Apaixonou-se pelo cinema, então emergente. Com 12 anos, em 1909, já colaborava com a revista *Mundo Cinematográfico*. Em 1914, com 17 anos, entrou no diário *A Capital*, onde fez a sua primeira reportagem, sobre um incêndio. Assinou-a como R. F. Como diz o seu biógrafo Eduardo Sucena (1996: 29), com Reinaldo Ferreira “a reportagem iria adquirir, em Portugal, uma dinâmica, um colorido, uma emoção que nunca antes conhecera”.

Reinaldo Ferreira foi, sem dúvida, personagem fascinante para os seus coetâneos e para as gentes hodiernas e um caso incrível de produtividade na literatura popular – popular, policial e de mistério, no teatro, no cinema e, claro, no jornalismo.



FIG. 1 – Reinaldo Ferreira, o “Repórter X”.

Centenas de crónicas e artigos e muitos milhares de reportagens mostram bem o seu esforço. Os seus cem volumes de todos os formatos ficaram para se avaliar o grau das suas grandes qualidades de produtor, cuja fecundidade nos deu para cima de dez mil trabalhos jornalísticos. (Escaleira, 193_: 29)

N’A *Capital*, Reinaldo Ferreira criou uma secção de crítica de cinema. Em 1917, somente com 19 anos, publicou, sob o pseudónimo Gil Goes, a sua primeira “reinaldice”, uma novela policial (não se sabe se inicialmente congeminada como uma reportagem... *ficional*), posteriormente intitulada *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho*, publicada, em jeito de folhetim epistolar, n’O *Século*. Os leitores tomam-na por verdade até o jornal revelar do que se tratava. A partir daí, a sua carreira estava lançada e em crescendo, permanentemente alicerçada em várias “reinaldices” (**tabela 1**), ou seja, reportagens e outras peças cheias da livre e fervilhante imaginação ficcional do “Repórter X”, que, embora lhe tenham dado uma fama ímpar no seu tempo, se afastavam, por vezes, do valor central do jornalismo – a verdade.

TABELA 1 – Algumas “Reinaldices” do “Repórter X”

| | |
|---|--|
| 1917 | Publica, n' <i>O Século</i> , sob o pseudónimo Gil Goes, a novela folhetinesca epistolar policial <i>O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho</i> , cuja trama os leitores tomam por verdadeira até o jornal revelar a verdade. Inicialmente, poderá ter sido imaginada por Reinaldo Ferreira como uma "reportagem" sensacional... ainda que fictícia. |
| 1917 | Entrevista inventada a Mata Hari. A hipotética espia teria estado em Lisboa e, claro, Reinaldo Ferreira ter-se-ia cruzado com ela. A espia ter-lhe-ia tentado fazer revelar segredos militares portugueses (o que pressupõe, necessariamente, que o repórter seria alguém muito bem informado). (<i>O Mundo</i> , 1917) |
| Mata Hari em Lisboa | Antes da publicação do fantasioso relato da passagem da espiã dançarina por Lisboa (8 de novembro), Reinaldo Ferreira já tinha subscrito n' <i>O Mundo</i> uma crónica sensacional sobre "A espionagem alemã – Como e por quem ela é exercida" (31 de agosto). |
| 1918 | Relata as suas supostas deambulações por Lisboa (provavelmente, não saiu da redação) disfarçado de mendigo e faz-se fotografar disfarçado, para credibilizar a história. Aparece o seu nome por extenso – Reinaldo Ferreira – na primeira reportagem da série, intitulada "O Mendigo de Santa Justa" (28 de março de 1918). (<i>A Manhã</i> , 1918) |
| Inquérito à mendicidade | |
| 1918 | Encenação de um assassinato de uma estrangeira numa pensão lisboeta, para provar que os donos de estabelecimentos hoteleiros encobriam os crimes aí perpetrados. |
| O crime da rua dos Fanqueiros | A reportagem é publicada entre 25 de setembro e 2 de outubro de 1918, n' <i>O Século</i> , sob títulos como "Lisboa sangrenta – Um crime misterioso", " <i>O Século</i> investiga – o mistério da rua dos Fanqueiros" e "Novas revelações – o crime da rua dos Fanqueiros". Começa por uma alegada carta anónima enviada ao diretor do jornal denunciando um assassinio numa pensão da rua dos Fanqueiros, em Lisboa. Na segunda parte, já em jeito de reportagem no terreno, regista-se a contradição entre a dona da pensão, que dizia não ter alugado o quarto onde, supostamente, o crime ocorrera, e o guarda-noturno, que afirmava que tinha visto um casal de estrangeiros entrar na pensão. Na terceira parte, nova testemunha afirma ter indicado a pensão ao casal. A trama evolui e, na última peça, noticia-se: "O misterioso crime da Rua dos Fanqueiros / houve, realmente uma cena de sangue / Stuart Carvalhais: o assassino / Reinaldo Ferreira: a vítima." Reinaldo Ferreira escreve que a encenação – em que ele se fantasiou de mulher e Stuart de homem (o suposto assassino) – se destinava a denunciar o silêncio sobre os crimes cometidos em hotéis e pensões pelos seus proprietários, que não queriam ver os seus estabelecimentos expostos. (<i>O Século</i> , 1918) |
| 1918 | Sob o título interrogativo "Uma tragédia de amor?", efabula uma história de amor entre dois amantes a partir do suposto achado de dois esqueletos, lado a lado, no convento do Carmo. Insinua, na trama, a existência de uma passagem secreta entre o convento e o antigo palácio da Inquisição [atualmente, o teatro D. Maria II]. A peça mereceu honras de primeira página n' <i>O Século</i> , a 10 e 13 de outubro de 1918. (<i>O Século</i> , 1918) |
| A tragédia de amor | |
| 1918 | Diz que registou as últimas palavras de Sidónio Pais após este ser baleado: "Morro, mas morro bem. Salve-se a Pátria". Na verdade, Ferreira não terá, sequer, presenciado o assassinato, ocorrido a 14 de dezembro de 1918. (<i>O Século</i> , 15 de dezembro de 1918) |
| Falsas últimas palavras de Sidónio Pais | |
| 1919 | Cobre, para <i>O Século</i> , a sublevação monárquica. |
| Intentona monárquica | |
| 1921-1922 | Reportagens sobre a "outra metade" de Paris, revelando a vida noturna mas também denunciando a miséria dos portugueses emigrados. Entrevistas, eventualmente fictícias, a estadistas e outras individualidades: o príncipe do Montenegro, o rei da Sérvia, o xá da Pérsia... |
| Trabalhando em Espanha, Bélgica e França, envia várias peças para a imprensa portuguesa | |
| Crónicas de Paris | |

| | |
|---|--|
| 1923 Desde Espanha | O jornal <i>A Tarde</i> começa a publicar artigos sobre alegadas atrocidades cometidas em Espanha pela ditadura de Primo de Rivera, assinados por um misterioso "Repórter X". Era Reinaldo Ferreira. Para permanecer anónimo, teria assinado o texto apenas como "Repórter". Mas um rabisco a seguir a essa palavra foi confundida, por um tipógrafo, com um X. E assim nasceu o "Repórter X". |
| 1925 Tensão na Alemanha | Cobre para <i>A Tarde</i> , em 18 peças, os conflitos políticos – e nas ruas – na República de Weimar. Assiste à ascensão dos nazis e ao seu controlo das ruas por meio dos <i>freikorps</i> . |
| 1925 | Anúncio da partida para a Rússia, como enviado da revista semanal <i>ABC</i> , a 19 de agosto. |
| 1925-1926 A Rússia depois de Lenine ("Crónicas da Rússia") | Envia, entre dezembro de 1925 e junho de 1926, possivelmente desde Paris, 24 reportagens que o colocariam em Moscovo, para onde a revista <i>ABC</i> o tinha enviado. Nas crónicas relata supostas conversas com uma infidável série de portugueses que habitariam em Moscovo, incluindo o porteiro do Kremlin e o embalsamador de Lenine. As "crónicas da Rússia" foram, mais tarde, publicadas na coletânea <i>A Rússia dos Sovietes – Inferno? Paraíso?</i> (<i>ABC</i> , 1925) |
| 1925 Entrevista a Conan Doyle | Enviado pela revista <i>ABC</i> à Rússia, manda, desde Paris, uma entrevista inventada a Arthur Conan Doyle. (<i>ABC</i> , 1925) |
| 1925 Reinaldo Ferreira entrevista o "Repórter X" | Faz uma entrevista a si mesmo, na qual revela que, no auge da sua produtividade, trabalhava para onze jornais e revistas ao mesmo tempo: <i>ABC</i> , <i>O Século</i> , <i>A Tarde</i> , <i>Diário da Tarde</i> , <i>Época</i> , <i>O Mundo</i> , <i>Informação</i> , <i>O Primeiro de Janeiro</i> , <i>Diário do Minho</i> , <i>Diário dos Açores</i> , <i>Libertad</i> (Madrid)." Escreve: "Não sou funcionário público, não recebo um centavo que não seja a troco de um papel escrito. E – detalhe que muito me satisfaz – em doze anos de jornalismo nunca recebi nada do Estado nem tive essa coisa tão desejada pelos mortais: um ordenado. Faço artigos; e cada artigo vale tanto... E nada mais. Chamam-me louco por isso, mas eu assim trabalho como quero e quando quero. (...) Juro(-lhe) que sou mandrião! Se trabalho muito é porque sou mais gastador do que mandrião." Revela que fumava, todos os dias, em média, três onças (quase 90 gramas) de tabaco francês, já que quando se acabava o tabaco parava de escrever. Dormia cinco horas. Levantava-se, habitualmente, às 9 horas e escrevia até às 13 horas, altura em que saía para entregar os artigos. A seguir tomava café e almoçava, dava voltas para "saber coisas", pelas 19 horas regressava a casa e voltava a escrever. À noite saía e escrevia. (<i>ABC</i> , 1925) |
| 1925 Alves dos Reis | Cobertura da burla de Alves dos Reis, o "falsário" das "verdadeiras" notas de 500 escudos, caso detonado pelo jornal <i>O Século</i> . |
| 1926 O assassinato da atriz Maria Alves | No final de março de 1926, o corpo da atriz Maria Alves apareceu numa rua de Lisboa. Faltando a carteira e as joias da atriz, a polícia deduziu tratar-se de assalto com asfixia da vítima. Mas, n' <i>O Primeiro de Janeiro</i> , Reinaldo Ferreira apresenta uma versão alternativa, na qual deduz que o culpado seria o ex-empresário e amante da atriz – o que era verdade. Investigando, descobre mesmo que no passado do eventual assassino duas outras mulheres tinham morrido em circunstâncias misteriosas: a sua mulher e uma amante. (<i>O Primeiro de Janeiro</i> , 1926) Dá origem ao folhetim policial <i>O Táxi n.º 9297</i> , publicado no <i>Janeiro</i> e, posteriormente, editado em livro, e a um filme com o mesmo título, dirigido pelo próprio Reinaldo Ferreira. |
| 1926 Ditadura | Cobre, em Lisboa, os acontecimentos pós-28 de maio de 1926, que conduziriam à Ditadura Militar e à Ditadura Nacional. |
| 1926 Entrevista a "João Estofador" | Entrevista, em exclusivo, em local secreto, um membro foragido da recém-desarticulada organização criminosa e terrorista de extrema-esquerda "Falange Vermelha", conhecido pelo pseudónimo "João Estofador". (<i>ABC</i> , 1926) |
| 1927 Revolta contra a Ditadura | Reportagens para <i>O Primeiro de Janeiro</i> da revolta militar contra a Ditadura. (<i>O Primeiro de Janeiro</i> , 2 a 8 de fevereiro de 1927) |

| | |
|--------------------------------------|---|
| 1927 | Ao serviço da revista <i>ABC</i> , cobre, em Haia, o julgamento de Marang van Ysselvere, um dos implicados na burla de Alves dos Reis, o burlão e falsário das “verdadeiras falsas notas de 500 escudos”. |
| O julgamento de Marang van Ysselvere | |
| 1927 | Ao serviço d’ <i>O Primeiro de Janeiro</i> , no início de 1927 revela, sensacionalissimamente, uma suposta relação, cheia de peripécias, cenas de ciúmes e violência, entre a chefe da estação de correios e telégrafos de Vagos, que aparentava ser homem, e uma médica da Palhaça. Na verdade, tratava-se de uma presumível relação lésbica entre Rita Figueira, a funcionária, e Ambrosina Leite de Almeida, a médica. (<i>O Primeiro de Janeiro</i> , 1927) Deu origem ao filme <i>Rito ou Rita?</i> |
| Homem ou mulher? | |
| 1929 | Anuncia, bombasticamente, n’ <i>O Povo</i> , um vespertino republicano lisboeta com o qual colaborava, que em Portugal, ao tempo da I Guerra Mundial, se tinham usado libras inglesas falsas, feitas de porcelana, pelos alemães, para pagar géneros alimentícios que, depois, seriam transportados por submarinos alemães. Denuncia que teria existido em Portugal e na Galiza uma rede de colaboracionistas da Alemanha que adquiriam os bens e disseminavam as libras falsas, enriquecendo. Diz ainda que um cambista de Valença, alcunhado “Cinco Minutos”, controlaria as operações, que envolveriam comerciantes do Porto. Misturando na trama um dos acionistas do <i>Janeiro</i> , o banqueiro Francisco Borges, do Banco Borges & Irmão, Reinaldo Ferreira acabou por ser despedido deste diário matutino. (<i>O Povo</i> , 1929) |
| As libras falsas | |
| 1930 | Vai a Vigo para se encontrar “secretamente” com um cúmplice da burla Alves dos Reis, o alemão Adolf Doring (nomeado como Adolf Hennies), que tinha sido condenado, à revelia, em Portugal, a oito anos de prisão. Depois de várias peripécias, um “desconhecido” entrega uma suposta carta de Hennies a Reinaldo Ferreira, numa esplanada viguesa. O momento é fotografado, para credibilizar a história. A suposta carta dizia, alegadamente, que o visado não podia conceder a entrevista porque estaria a ser seguido pela polícia. |
| Ainda a burla de Alves dos Reis | |
| 1930 | Cobre, em Londres, o julgamento de sir William Waterlow, da firma Waterlow & Sons, que, em boa-fé, tinha colaborado na burla de Alves dos Reis. [Reinaldo Ferreira terá estado sempre doente e regressou a Portugal fisicamente debilitado.] |
| Julgamento de sir William Waterlow | |
| 1931 | Publica na revista <i>Repórter X</i> uma delirante peça sobre lisboetas que viveriam no subsolo desde o terramoto de 1755. Este delírio imaginativo deu um golpe fatal à credibilidade que ainda lhe restava como repórter. |
| Os lisboetas das profundezas | |

Em 1919, Reinaldo Ferreira deixou Portugal pela primeira vez. Instalou-se em Paris, onde começou a trabalhar para a agência de notícias Americana. Como se trabalhava numa pequena agência de notícias incumbida de fornecer notícias aos periódicos iberoamericanos sobre o que se passava no coração da Europa? O jornalista João de Sousa Fonseca (193_: 72-73), coetâneo de Reinaldo Ferreira e seu colega na agência, em Paris, revela que faziam “Traduções de comunicados, redação de notas encomiásticas ou necrológicas de personagens de alto *metequismo*, enfim, às vezes até o seu telegrama [notícia importante de produção própria enviada por telégrafo], porque para isso era aquilo uma agência (...)”.

Reinaldo Ferreira foi, então, incumbido de fundar sucursais da agência em Madrid, Barcelona e Bruxelas, cidades onde residirá e onde colaborará com a imprensa local. Regressou a Paris em 1922, para assumir a direção da agência em França. Mas nesse mesmo ano, mudou-se para Barcelona, começando, aí, a colaborar com a indústria cinematográfica, sua primitiva paixão. Em 1923, mudou-se para Madrid, mas foi obrigado a regressar a Portugal por causa dos seus escritos contra a ditadura de Primo de Rivera. Nesse ano começou uma frutuosa colabo-

ração com a revista *ABC*, dirigida pelo seu amigo e camarada Rocha Martins, que o enviou para a Rússia, em 1925, como enviado especial. Porém, Reinaldo Ferreira terá ficado em Paris, cidade que já conhecia bem e na qual tinha muitos contactos no meio jornalístico. Envia, então, provavelmente sem sair da capital francesa, várias “crónicas da Rússia” para a revista *ABC*, mais tarde inseridas na coletânea *Rússia dos Sovietes – Inferno? Paraíso?* Ter-se-ia baseado nas peças de Henri Bérau, correspondente de *Le Journal*, em Moscovo. As “crónicas” são publicadas entre 17 de dezembro de 1925 e 24 de junho de 1926. Aparentemente, Moscovo estaria cheia de portugueses, com quem o “Repórter X” se iria cruzando, entre os quais o porteiro do Kremlin e o embalsamador de Lenine. Quando regressou a Lisboa, em 1926, fez uma conferência sobre “O jornalismo na Rússia”, na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.

Em 1926, Reinaldo Ferreira mudou-se para o Porto para ingressar n’*O Primeiro de Janeiro*, dirigido pelo seu amigo Jorge d’Abreu. Mas continuou a colaborar com a revista *ABC*. Nesse mesmo ano, Apesar de estar em Haia, a cobrir o julgamento de um indivíduo envolvido na burla de Alves dos Reis, escreveu para o *Janeiro* peças onde criticou a morosidade da polícia e identificou o provável assassino da atriz Maria Alves, estrangulada num táxi e atirada para a rua. O assassino – o agente e amante da atriz, Augusto Gomes – terá ficado com a convicção de que Reinaldo o seguira e assistira a tudo, de tal modo a intuição de Reinaldo Ferreira se moldava aos factos, conforme revelou em entrevista concedida ao próprio “Repórter X”, na prisão do Limoeiro, já depois de ter sido preso e condenado. Nessa altura, a fama de Reinaldo Ferreira, o “Repórter X”, atingiu o pico. Fez, então, uma famosa entrevista a si mesmo, publicada na revista *ABC*, a 26 de agosto de 1926.



FIG. 2 – Reinaldo Ferreira entrevista o “Repórter X”. (*ABC*, 26 de agosto de 1926)

No Porto, ao serviço d'O *Primeiro de Janeiro*, Reinaldo Ferreira cobriu a revolta contra a Ditadura, entre 2 e 8 de fevereiro de 1927, e revelou, sensacionalissimamente, um alegado romance lésbico, cheio de peripécias e com alguma violência à mistura, entre uma funcionária dos correios e uma médica da região de Aveiro. Nesse mesmo ano, tornou-se precursor dos livros-reportagem em Portugal, com o lançamento das suas *Reportagens da Semana* (1927), em parceria com O *Primeiro de Janeiro*. No ano seguinte, foi homenageado por cerca de 200 jornalistas e personalidades da política e da economia num célebre banquete realizado no Palácio de Cristal, no Porto – mais um sinal da sua fama. Criou, então, no *Janeiro*, uma rubrica cujo título levará, futuramente, para outras publicações: “Homens e Factos do Dia”. Deu, inclusivamente, esse título à primeira revista que planeou e editou, já em 1929, ano em que também deu à estampa a revista *Jornal do Repórter X*. Ambas foram, todavia, publicações efémeras – da primeira foram publicados dois números e da segunda três números. Constituíram, de qualquer modo, ensaios para a revista *Repórter X*, que idealizou e fundou em 1930 e que constitui objeto deste artigo. Nas palavras do jornalista Mário Domingues (193_: 116), que foi chefe de redação da *Repórter X*, esta revista foi “o semanário que mais popularidade alcançou em Portugal”, alcançando rapidamente uma tiragem de 20 mil exemplares (Domingues, 193_: 118). Pelo meio, em 1932, Reinaldo Ferreira publicou um único número de uma revista intitulada *Detetive X – Semanário de Grandes Reportagens*. Nesse mesmo ano, foi internado para se desintoxicar da morfinomania. Quando se sentiu recuperado, publicou o livro *Memórias de um Ex-Morfinómano*. Entre 1934 e 1935, congeminou e dirigiu o *X – Semanário de Grandes Reportagens*.

Voltando a cair na toxicodependência, Reinaldo Ferreira morreu, prematuramente, em 1935.

2. O JORNALISMO E(M) PORTUGAL NO TEMPO DA REVISTA REPÓRTER X

A *Repórter X* esteve nas bancas entre 9 de agosto de 1930 e 7 de junho de 1933⁵. No ano do seu nascimento, publicavam-se 662 periódicos em Portugal (Ramos, 2001: 52), embora a taxa de analfabetismo rondasse 62%, segundo os censos desse ano.

À época, o jornalismo português estava em vias de domesticação, por força da censura e da propaganda. O golpe de 28 de maio de 1926 e a conseqüente instau-

⁵ Foram publicados mais alguns números (3?), talvez para garantia de título, o que aumentou, artificialmente, a longevidade da revista.

ração da Ditadura permitiram a reinstituição da censura em Portugal, ainda que à margem da lei. A Ditadura conduziu, igualmente, à extinção de vários jornais desalinados com o novo regime, caso, por exemplo, do histórico jornal republicano *O Mundo*.

A Ditadura, inicialmente, não exerceu qualquer tipo de censura sobre os jornais. O decreto n.º 11839, de 5 de julho de 1926⁶, assegurava, mesmo, a liberdade de imprensa. Foi um período breve. A tomada do poder por Óscar Carmona, a 9 de julho de 1928, trouxe mudanças. No dia 22 de julho de 1926, os jornais publicaram uma carta assinada pelo segundo comandante da polícia de Lisboa, capitão Aníbal de Azevedo, aos diretores, comunicando que a partir dessa data era “estabelecida a censura prévia à imprensa, não sendo permitida a saída de qualquer jornal, sem que quatro exemplares do mesmo sejam presentes no Comando Geral da Guarda Nacional Republicana, para aquele fim” (Oliveira, 1973: 89). O decreto n.º 12008, de 29 de julho de 1926, publicado no *Diário do Governo* a 2 de agosto de 1926⁷, por seu lado, embora, teoricamente, assegurasse a liberdade de imprensa, no seu capítulo II, instituía a pena de suspensão das publicações responsáveis por certos crimes de liberdade de imprensa, entre outras penalidades. Foi esse o decreto regulador da atividade jornalística até à entrada em vigor da Constituição de 1933. A prática da censura continuou, sem respeito pelo preceituado legal. Inclusivamente, a partir de 1927, os serviços de censura passaram da dependência do Ministério da Guerra para a dependência do Ministério do Interior, instituindo-se a Direção-Geral dos Serviços de Censura à Imprensa. Esses serviços tinham comissões em Lisboa e Porto. No resto do país, os censores eram, normalmente, oficiais das Forças Armadas e individualidades de confiança do regime.

Ao tempo, Salazar, todo-poderoso ministro das Finanças desde 1928, tornava-se, progressivamente, senhor do regime, tendo ascendido à chefia do Governo, a 5 de julho de 1932. Impulsionada por Salazar, a nova Constituição, instituidora do Estado Novo, foi plebiscitada a 19 de março de 1933, tendo entrado em vigor a 11 de abril do mesmo ano. Previa a Constituição, dando seguimento à prática que vinha da Ditadura, que leis especiais regulariam o exercício da liberdade de imprensa (art.º 20.º, § 2.º). Essa imposição constitucional foi regulamentada pelo decreto-lei n.º 22469, de 11 de abril de 1933, que estatuiu a censura prévia à imprensa e organizou as comissões de censura. A Constituição impunha, igualmente, à imprensa, a publicação de notas oficiais (art.º 21.º). A propaganda começava a notar-se no quotidiano do novo regime, apesar do Secretariado de Propaganda

⁶ Disponível em: <https://dre.pt/application/file/154317>. Consultado a 26 de março de 2018.

⁷ Disponível em: <https://dre.pt/application/file/163555>. Consultado a 26 de março de 2018.

Nacional, congeminado por Salazar e pelo jornalista António Ferro, propagandista maior do Estado Novo, só ter sido instituído a 26 de outubro de 1933, já depois da *Repórter X* ter cessado a sua publicação regular.

Ora, se, por um lado, na primeira metade da década de Trinta, o jornalismo português era constrangido pela censura e – até certo ponto – permeável à propaganda da Ditadura, em crescendo, também não é menos certo que a sua importância aumentava enquanto veículo de informação, quer por força dos acontecimentos internos que conduziriam ao Estado Novo, quer por força das tensões externas prévias à II Guerra Mundial, como a imposição de regimes autoritários em Itália e na Alemanha. A reportagem estava em alta e, em consequentemente, também os repórteres (Godinho, 2009: 135-170).

3. A REVISTA REPÓRTER X – UMA HISTÓRIA

Publicado desde agosto de 1930 e de forma relativamente regular até julho de 1933 (perfazendo um total, até aqui, de 130 números⁸), o semanário *Repórter X* foi fundado e dirigido por Reinaldo Ferreira, mais conhecido pelo pseudónimo “Repórter X”, em conjunto com o seu irmão Ângelo de Azevedo Ferreira, que assumia as funções de “Diretor-Gerente, Administrador e Editor”. Da equipa inicial faziam também parte o jornalista Mário Domingues, como chefe de redação, e o jornalista Guedes de Amorim. Esta equipa e as suas funções foram variando durante os anos em que a publicação saiu para as bancas, conforme se verá de seguida.

Logo no primeiro número (*Repórter X*, 9 de agosto de 1930, p. 3), é definido o seu principal objetivo:

Não se pretende o *Repórter X* maravilhar pela sua novidade gráfica – que não a tem. Veste democraticamente. O que pretende sim é ser lido com interesse; praticando esse jornalismo desprezado pelos madraços e pelos apáticos que é o jornalismo vida e ação; o jornalismo do acontecimento palpitante, da verdade oculta, da surpresa que emociona – o jornalismo de reportagem e de filme de semana, do comentário e da crítica – livre como as asas...”

⁸ Foram ainda publicados mais três números 131, 132 e 133 mas já de forma muito irregular. O número 132 não foi usado para análise neste trabalho, uma vez que não se encontrava disponível em formato digital no site da hemeroteca, como também não havia registo da sua existência na biblioteca municipal do Porto. Alguns números não estão disponibilizados de forma completa, nomeadamente os números 101, 103, 107, 110, 114 e 121.

Em março de 1931, Reinaldo Ferreira assumiu em exclusivo a propriedade e a direção do semanário, e o “Administrador e Editor”, Ângelo de Azevedo Ferreira, foi substituído por Pedro Santos. No mesmo ano, mas no mês de junho, a “propriedade exclusiva” do *Repórter X* passou para C. Cal (Cármem Cal, esposa de Reinaldo Ferreira), e este passou a figurar apenas como “Diretor e Editor”. Em janeiro de 1932, surgem mudanças na chefia da redação: sai Mário Domingues (saída não justificada, apenas merecedora de uma nota elogiosa). A publicação manteve-se, aparentemente, durante um mês sem chefe de redação, passando a figurar o nome de Costa Júnior a partir do número 78, de 30 de janeiro. Em outubro do mesmo ano, a propriedade passa a ser atribuída a Mercedes Cal (seria igualmente a esposa?). No início de 1933, num número sem data, o *Repórter X* passou a ser propriedade das “Edições X”, e a sua produção passou a ser fruto de duas equipas de redatores, uma em Lisboa e outra no Porto. Nesta altura, a publicação já não saía religiosamente todas as semanas, começando a apresentar algumas falhas. Entre julho de 1933 e junho de 1935 apareceriam apenas mais três números. O último, publicado a 15 de junho de 1935, apresenta uma espécie de despedida justificativa aos leitores através da seguinte nota:

“Repórter X”, propriedade da Sociedade Comercial Edições X, Lda, nada tem de comum com outro jornal que atualmente se publica na capital. Motivos superiores à nossa vontade têm impedido a regular publicidade deste semanário, mas temos sobejas esperanças de que num futuro muito próximo, possamos vencer as dificuldades que nos têm inibido de o fazer. Aqui fica, pois, o indispensável aviso e esclarecimento.”

No entanto, as dificuldades não foram vencidas e este foi mesmo o fim do semanário.

Pelo *Repórter X* passaram grandes jornalistas. A equipa de redatores e colaboradores que, ao longo dos anos, foi assegurando a produção da publicação não foi sempre a mesma. No primeiro ano, colaboraram com o jornal/revista nomes como Rocha Martins, Ernesto Belo Redondo, Américo Faria, João Paulo Freire, sob o pseudónimo de Frei Gil d’Alcobaça, Augusto Ferreira Gomes, Eduardo Frias, Artur Inês, José Maria Marques Costa Júnior, Tomás d’Almeida, Ilídio Ferreira, Guido Ruivo, César Pulimo, Armando Seródio, Iberino dos Santos, Stuart Carvahais, entre outros. Mais tarde, outros jornalistas se associaram ao projeto, nomeadamente: Alberto Lima, António Boto, Fernando Cal, J. Vieira Alves, Hugo Rocha, Guido Severo, Santos Pereira, Alfredo Marques, Artur Portela, Álvaro Anselmo,

Jaime Brazil, Norberto Araújo, Sá Pereira, Lino Pinto, Herculano Pereira, Aragão Paiva, Octávio Sérgio, etc.

Também não foram estáticos a sede e a empresa responsável pelo grafismo e impressão: numa fase inicial, a “redação, administração e publicidade” eram em Lisboa e a oficina tipográfica (composição e impressão) ficava no Porto. Porém, cedo a situação se revelou insuficiente para garantir a consolidação e crescimento da empresa e logo que a recetividade e fidelidade do público fez aumentar as tiragens, os responsáveis pelo *Repórter X* trataram de arranjar na capital uma sede e uma oficina tipográfica. Assim, a partir do número 8 (de 27 de setembro de 1930), a redação e serviços administrativos funcionavam em Lisboa e abria-se uma delegação no Porto; por sua vez, a composição e impressão passaram a ser asseguradas pela Tipografia Silvas, situada em Lisboa.

Ao longo do ano de 1931, foram sendo anunciadas novas mudanças, usualmente justificadas pelo sucesso do jornal, não sendo, no entanto, certo que fosse esta a verdadeira razão, visto que os números não eram assim tão díspares. Em maio, a “composição e a impressão” passaram a ser responsabilidade da Empresa do Anuário Comercial (composição) e da Bertrand (Irmãos) (impressão), ambas sediadas em Lisboa, mas, logo em junho, ficou apenas a Bertrand com ambas as funções. Simultaneamente, verificava-se a mudança de local da delegação do Porto. Dois



FIG. 3 – Capa do número 1



FIG. 4 – Capa do número 31



FIG. 5 – Capa do número 99



FIG. 6 – Capa do número 104



FIG. 7 – Capa do número 123



FIG. 8 – Capa do número 135

meses depois, há novas mudanças nesta área, com a Sociedade Editorial a assumir a responsabilidade de composição e impressão. No ano de 1932, surgem mudanças logo em janeiro. Coincidindo com a entrada de um novo chefe de redação, Costa Júnior, verifica-se, também, nova alteração no espaço físico dos serviços de impressão e composição, que passam novamente para o Porto, para a Tipografia das Publicações AOV, reabrindo-se, igualmente, a delegação na capital do Norte. A partir de maio de 1932, deixa de haver referência a esta tipografia e, até ao fim do ano, vão sendo vários os espaços físicos referidos neste ponto da ficha técnica da publicação, alternando entre Lisboa e Porto: Rua da Horta Seca, em Lisboa; a Rua da Picardia, no Porto; Rua Sampaio Bruno, Porto, e Rua das Flores, Porto.

Relativamente ao design, a publicação media 23 centímetros de largura por 31 centímetros de altura. Recorria essencialmente à cor preta (texto) e as imagens eram igualmente a preto e branco. Eventualmente, era usado o vermelho ou, mais tarde, o verde e/ou azul para chamadas de atenção.

A cor [pouca] era notada essencialmente nas primeiras páginas/capas, sendo que estas foram constituídas, praticamente todos os números, por uma imagem a ocupar quase toda a página, acompanhada, por norma, por uma chamada de atenção para alguns assuntos que viriam a ser desenvolvidos nas páginas interiores. O último número, diferente de todos os outros, é composto por uma pequena imagem e publicidade em forma de texto. Atente-se nas primeiras páginas/capas abaixo que mostram precisamente as mais usuais, apenas com título, imagem e as chamadas de atenção, e a do último número, diferente de todas as outras. De notar que havia uma preocupação em que a imagem fosse sempre bastante sugestiva e espetacular.

A grande maioria dos números tinha 16 páginas, havendo uma ou outra exceção, como, por exemplo, os números 9, 20, 31,73, etc., que tinham mais, ou o último número, 135, que só tinha quatro páginas.

Como esperado dada a época em que saiu, havia, em todos os exemplares, uma nota fazendo referência ao facto de o número ter sido visado pela comissão de censura. No entanto, não deixa de ser estranho e curioso que o semanário tenha divulgado uma imagem do país contrária àquela que o Governo tentava “vender”. Como terá conseguido Reinaldo Ferreira esta proeza? A resposta a esta questão não surge diretamente nas páginas do *Repórter X*, mas algumas hipóteses podem ser tidas em conta:

- a) as temáticas que mais peças originavam eram temáticas de interesse humano, que expunham as misérias do país e deixavam de parte questões políticas, partidárias e relacionadas com as forças armadas;

- b) a censura encontrava-se ainda numa fase de consolidação e o corpo de censores era pouco instruído e tinha, no momento, outras preocupações mais pertinentes; estes não teriam também, ainda, uma ideia muito precisa do que seria para “riscar” ou não;
- c) o sensacionalismo presente nas peças nem sempre facilitava a associação do que era divulgado ao que realmente teria acontecido;
- d) o facto de a revista ser um tanto ou quanto “marginal” levava a que também não recaísse tanta atenção sobre si.

Fosse qual fosse a razão, a verdade é que, alguns anos depois, em que a Ditadura já se encontrava plenamente estabelecida e orientada, muitas das temáticas que o *Repórter X* havia divulgado sem qualquer problema, foram proibidas.

Desde o primeiro número até ao 71, de dezembro de 1931, saía aos sábados e era “posto à venda simultaneamente em todo o país”; a partir desta altura e até ao número 99, passou a sair à sexta (pelas datas, percebe-se que esta alteração no dia em que era posto à venda aconteceu no número 68, de novembro do mesmo ano). Entre os números 100 e 110, numa altura em que a periodicidade semanal não estava a ser cumprida, a publicação alterou por quatro vezes a data de saída, entre segunda, quinta, sexta e sábado. Fixou à sexta no número 110 e assim se manteve até ao final da sua existência.

Para além de ter circulação em Portugal, havia a possibilidade de serem enviados exemplares para as colónias e estrangeiro, se bem que esta informação só consta da ficha técnica a partir do número 17, de 29 de novembro de 1930.

O preço de todos os números publicados foi sempre o mesmo: 1 escudo. O último número, apesar de referir o preço, mencionava igualmente que era grátis. A assinatura variava entre os 11\$50 (trimestre), 22\$50 (semestre) e 44\$50 (ano). Para as colónias e estrangeiro, acresciam os respetivos portes e pedia-se o pagamento adiantado.

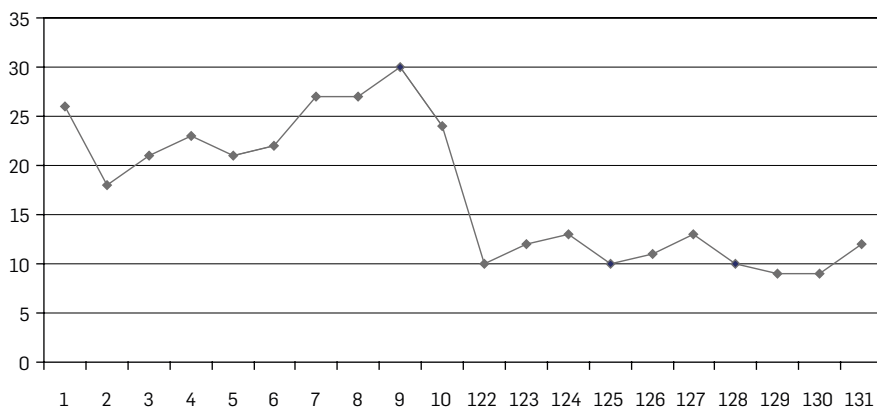
Uma das formas de subsistência da publicação eram, sem dúvida, as receitas publicitárias. Aliás, são várias as notas ao longo dos números “convidando” a que se publicite no *Repórter X*: “Anunciai no *Repórter X*”⁹. Estes começaram por surgir apenas na segunda e última páginas, mas depressa se estenderam também pelas páginas interiores. Muitas vezes, o anúncio publicitário confunde-se com um artigo jornalístico, uma vez que surge inserido no meio de outros textos noticiosos, em formato apenas textual, com uma prosa que mais se assemelha à prosa de uma notícia do que à de um anúncio publicitário. A publicidade tanto

⁹ *Repórter X*, n.º 90, 23 de abril de 1932.

podia ser a empresas/entidades externas (e era-o, a maioria das vezes) como a publicações (outras) dos jornalistas do *Repórter X*, nomeadamente do seu mentor. A publicidade específica ao *Repórter X* também existiu, mas não foi contabilizada nesta análise.

O gráfico 1 apresenta a quantidade de anúncios publicitários publicados nos primeiros e nos últimos dez números analisados.

GRÁFICO 1 – Número de anúncios publicitários por número nos primeiros e nos últimos dez números



Uma análise sumária aos dados do gráfico 1 deixa claro que, dos primeiros para os últimos dez números analisados, houve uma clara diminuição, o que terá correspondido a uma perda de receitas por parte da publicação.

4. A REVISTA REPÓRTER X – O ESTILO

Tendo sido vários os géneros cultivados pela publicação (a entrevista, a notícia, o texto de opinião, a crónica, textos de cunho mais literário, etc.), desde o seu primeiro número que o semanário se destacou principalmente pelas reportagens que publicava, uma vez que estas constituíam o grosso da revista e que se justificavam, entre outras razões, pela periodicidade (semanal) da mesma. Estas variavam no tema e eram, por norma, extensas (muitas vezes continuadas ou em série, de uns números para os outros). Eram, também, amiúde, acusadas de ser falsas ou baseadas em factos pouco credíveis. A estas acusações, respondia Reinaldo Ferreira, no número 18 de 3 de dezembro de 1930:

Quando não rigorosamente exatas em certos pormenores, são-no na essência. Por vezes, a linguagem de que as revestimos, os nomes supostos que lhes arranjam, e a sucessão melhor combinada de certos quadros, são como os vestidos e os adornos para certos corpos de mulher – embelezam-nos sem lhes alterarem a linha impecável e escultural. (...). Acontece também abordarmos um acontecimento ocorrido, por exemplo, no Norte (...). E, caso estranho, logo recebemos cartas do Sul e do centro do país felicitando-nos pela maneira admirável como focámos o caso de Fulano e Beltrano que os nossos correspondentes muito bem conheceram sob o disfarce de outros nomes e outras terras. Os casos de que eles nos falam, em boa verdade, eram para nós absolutamente desconhecidos – mas ficámo-los conhecendo, mercê de uma reportagem feliz que os fez vir à superfície.

Mais do que contar a verdade, Reinaldo Ferreira e a sua equipa preocupavam-se em desmascarar a verdade.

Assim, em peças que se diversificavam tematicamente entre crimes financeiros e de sangue, fraudes, negócios sórdidos, casos de espionagem, investigações policiais, escândalos com vultos famosos, paixões proibidas, personalidades e acontecimentos históricos marcantes e fraturantes, projeções futuristas e também dramas sociais, questões civilizacionais, horrores da guerra, catástrofes naturais e grandes desastres, revoluções, conspirações, etc., o *Repórter X* foi-se alimentando a si e alimentando os sedentos por este tipo de novidades sensacionalistas que já, na época, eram muitos.

Atente-se em alguns exemplos de peças relativas a estas temáticas:

TABELA 2 – Exemplos de peças jornalísticas dentro das principais temáticas

| Tema | Número | Peça |
|--------------------------------|--|--|
| Crimes financeiros e de sangue | Nr. 75, páginas 10 e 15 (8.01.1932) Nr. 94, páginas 14 e 15 (21.5.1932) | “O sr. Conde de Sucena nega-se ao pagamento de 80 contos e manda prender o credor...” “O suplício de um padre na Inquisição de Coimbra” |
| Fraudes | Nr. 23, páginas 6 e 7 (10.01.1931) Nr. 86, página 5 (25.03.1932) | “Vigaristas de alto coturno” “O 'negócio' da bola – Números que são verdades esmagadoras” |
| Negócios sórdidos | Nr.50, páginas 5 e 13 (18.07.1931) Nr. 117, páginas 10 e 11 (7.04.1933) | “Os traficantes de cabeças humanas” “O carrasco da Praça da Figueira” |

| Tema | Número | Peça |
|--|---|---|
| Casos de espionagem | Nr. 2, páginas 8, 9 e 14 (16.08.1930) Nr. 72, páginas 4 e 12 (18.12.1931) | “Os 5 espias portugueses que se venderam à Alemanha durante a guerra” “O segredo da fronteira holandesa” |
| Investigações policiais | Nr. 18, páginas 5 e 14 (6.12.1930) Nr. 117, páginas 5 e 13 (7.04.1933) | “Mortas por envenenamento? – Dramas da emigração” “Uma burla que dura 20 anos” |
| Escândalos com vultos famosos | Nr. 98, página 3 (18.06.1932) Nr. 53, página 11 (8.08.1931) | “Rino Lupo, desapareceu?” “Al Capone e o seu exército” |
| Paixões proibidas | Nr. 31, páginas 4 e 14 (7.03.1931) Nr. 10, página 6 (11.10.1930) | “Ladrão por amor” “O Português que morreu de amor em Berlim era um dos cabecilhas da Traulitânia?” |
| Personalidades e acontecimentos históricos marcantes e fraturantes | Nr. 29, página 4 (21.02.1931) Nr. 51, páginas 8 e 9 (25.07.1931) | “A morte da família imperial russa” “O rapto de Greta Garbo” |
| Projeções futuristas | Nr. 62, páginas 5 e 12 (10.10.1931) Nr. 104, páginas 10 e 11 (7.11.1932) | “Profecias, profecias e o fim do mundo” “Em 1950 todos os criados serão homens e mulheres-mecânicos” |
| Dramas sociais | Nr. 55, páginas 7 e 14 (22.08.1931) Nr. 80, página 7 (12.02.1932) | “Bairros de mistério, crime e miséria” “Um fenómeno inédito – Nasceu em Portugal uma criança sem olhos” |
| Questões civilizacionais | Nr. 13, páginas 6 e 7 (1.11.1930) Nr. 67, páginas 10 e 15 (14.11.1931) | “Como se faz a escravatura branca em Portugal” “Dramas negros da Europa” |
| Horrores da guerra | Nr. 30, páginas 4, 5 e 15 (28.02.1931) Nr. 116, página 4 (31.03.1933) | Dos quinze mil espões da guerra, cinco mil foram fuzilados” “Guerra?... Paz...?” |
| Catástrofes naturais e grandes desastres | Nr. 37, páginas 8, 9 e 15 (18.04.1931) Nr. 49, páginas 6 e 16 (11.07.1930) | “Existem, sob Lisboa, descendentes das vítimas daquela catástrofe?” As grandes catástrofes marítimas” |
| Revoluções, conspirações | Nr. 123, página 10 (19.5.1933) Nr. 60, páginas 8 e 9 (26.09.1931) | “Duce, Hitler & C.. ⁹ – A reunião secreta de Roma” “Os reis no exílio” |

Uma leitura dos exemplos apresentados permite, logo numa primeira análise, perceber, que havia uma preocupação em chamar a atenção do leitor logo através do título, procurando que estes fossem bastante apelativos e sensacionalistas. Percebe-se, igualmente, que cada texto era longo, ocupando duas ou mesmo três páginas das usuais 16 que o semanário tinha normalmente.

Analisando os textos a que estes títulos se referem pode aferir-se que, no fundo, no *Repórter X* procurava fazer-se um jornalismo verdadeiro, atento, escri-

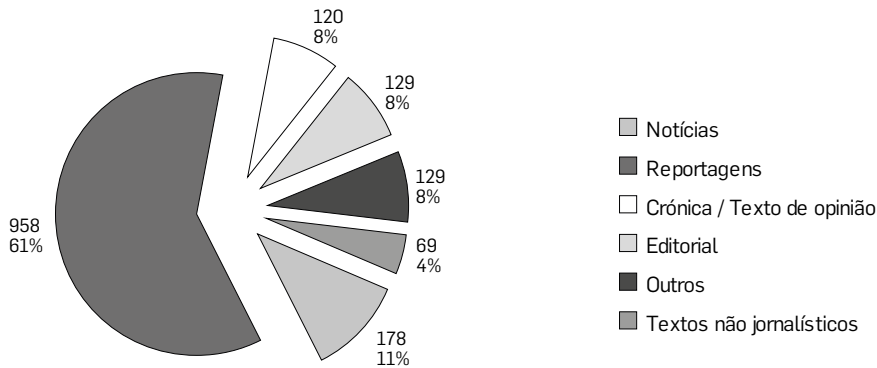
tinador e “justiceiro” que tentava mostrar a realidade tal como ela é, dando visibilidade a casos e assuntos atuais e de interesse geral, ampliando, amiúde, a sua faceta mais dramática ou malévola, e sugerindo, frequentemente uma “solução” para o “caso” apresentado, tudo numa espécie de compromisso com a sociedade e de defesa de uma sociedade melhor.

A publicação não tinha uma estrutura fixa e o seu mentor defendia uma organização dos conteúdos sem rigidez e que não comportasse secções. No entanto, estas acabaram por surgir, nomeadamente “Homens & Factos do Dia” (logo no número 1, sendo uma espécie de editorial e que surgiu em praticamente todos os números), “T.S.F. X” (criado no n.º 9), só para dar alguns exemplos.

No que diz respeito aos géneros jornalísticos, uma leitura dos vários números publicados, ainda que de uma forma diagonal, permite desde logo perceber dois aspetos: que a reportagem se destacava como género jornalístico e que a publicação guardava algum espaço para textos não jornalísticos, como contos ou novelas policiais. Assim, predefiniram-se as categorias de análise relativas aos géneros jornalísticos (de acordo com o que se destacou nesta primeira leitura) e, a partir daí, efetuou-se uma análise quantitativa. As categorias foram então: notícias, reportagens, crónicas ou textos de opinião, editoriais, outros textos jornalísticos (cartoons, entrevistas, por exemplo) e textos não jornalísticos.

Atente-se no gráfico 2 para melhor se perceber de que forma se encontravam distribuídas as peças veiculadas pelo semanário.

GRÁFICO 2 – Distribuição das peças jornalísticas por género



Uma análise ao gráfico 2 permite perceber que, de facto, a reportagem foi o género mais cultivado pelo Repórter X, apresentando mais de metade da totalidade do espaço que a publicação comportava, uns confortáveis 61%. O facto de ser

um tipo de texto longo, que permitia um maior desenvolvimento dos assuntos, que permitia escrutinar e ouvir os diferentes intervenientes, que dava espaço aos seus escritores para alguma divagação e até sensacionalismo, possibilitando-lhes uma prosa criativa e emotiva, parece ser justificativa destes valores.

Em jeito de desfecho no que à forma e estilo diz respeito, apraz-se reforçar que a matriz conceptual que esteve subjacente ao trabalho dos jornalistas do *Repórter X* e que os orientou quer ao nível da seleção das matérias, quer na forma de abordagem e de apresentação dos textos foram aquelas que aqui se referiram, temáticas atuais e de interesse geral, com tendência para o exagero e sensacionalismo, e a reportagem como género textual.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve por objetivo biografar e documentar a vida de Reinaldo Ferreira, o *Repórter X*, bem como perceber o que já foi dito sobre a sua rica e singular, mas curta existência. Reinaldo Ferreira foi um caso incrível de produtividade na literatura popular – popular, policial e de mistério, no teatro, no cinema e, claro, no jornalismo. Através dos seus escritos, nomeadamente da revista *Repórter X*, foi possível intuir qual o seu pensamento sobre o jornalismo e sobre o jornalista. Aconselhava os novos jornalistas a fazer da sua pena “uma agulheta para desencardir as maquilhagens da hipocrisia, da hipocrisia que artificializa a honra e oculta o crime, do crime que consegue a impunidade subornando ou ferindo.”¹⁰ e referia-se ao papel do jornal e do jornalismo como tendo a função de “reporterizar”¹¹ a realidade, dando visibilidade a temas e matérias que refletissem o ambiente da época, sem maquilhagens ou subterfúgios, e indo ao encontro do que era o desejo de leitura do leitor. Acrescentava ainda que o jornal tinha uma “alta missão social”¹² e que podia ser comparado a um cidadão, pois também discutia, votava, combatia e lutava pela vida.¹³

Todo este trabalho foi sempre pautado e guiado pela contextualização da época, quer a nível histórico, quer jornalístico, com noção de que se estava perante uma publicação que se movia num panorama marcado pela censura e pela permeabilidade à propaganda oficial da Ditadura Nacional. Mesmo assim, e tendo

¹⁰ *Repórter X*, nr 9, 4 de outubro de 1930.

¹¹ *Repórter X*, nr 28, 27 de setembro de 1930.

¹² *Repórter X*, nr 52, 1 de agosto de 1931.

¹³ *Repórter X*, nr 52, 1 de agosto de 1931.

todos os seus números sido visados pela comissão de censura, o semanário conseguiu publicar matérias que não eram favoráveis à imagem que a Ditadura procurava passar do país, nem coincidentes com a política em vigor. A justificação mais plausível para o facto prender-se-á com o facto de este regime estar ainda numa fase pouco consolidada e com um corpo de censores com pouca formação e com falta de perceção sobre aquilo que lia; ou mesmo pela não compreensão do que se estava a contar, uma vez que o sensacionalismo esteve sempre presente e acabava por camuflar, das mais diversas formas, alguns dos assuntos que eram abordados. Note-se, ainda, que as temáticas divulgadas nas páginas do *Repórter X* não eram aquelas que mais faziam atuar a censura, pois estavam longe de ser uma crítica direta ao governo e/ou aos seus governantes e pouco se dedicavam, pelo menos de forma direta, a temáticas partidárias ou relativas às forças armadas do país. Assim, ao dissimular o sentido do que escreviam e ao condicionar o modo como o seu conteúdo era percecionado, os jornalistas do semanário conseguiam publicar e fazer passar pelas malhas da censura praticamente tudo aquilo que queriam divulgar.

A investigação procurou, ainda, apresentar a sua publicação mais relevante, a que curiosamente atribuiu o nome pelo qual também se denominava, *Repórter X*, descrevendo a sua história, a sua forma e os seus conteúdos, com recurso a uma análise quantitativa e qualitativa do discurso. Assim, concluiu-se que, após um primeiro ano e segundo anos auspiciosos, em que a publicação manteve a sua periodicidade, esta começou a falhar e os últimos números, com saídas muito irregulares, poderão ter acontecido apenas por uma necessidade de manter o título. No que ao estilo diz respeito, este foi fiel durante todas as semanas e anos, mantendo-se o tamanho, o preço, a organização da capa e das páginas interiores, a inclusão da secção “Homens & Factos do Dia”, que funcionava como editorial (só terá faltado uma única vez) e a inserção de publicidade (que registou uma quebra quando a publicação começou a falhar com a periodicidade).

O número de páginas pouco variou, mas ainda houve algumas edições a ultrapassar as 16 páginas habituais; o dia de saída ao público também não foi constante, tendo variado entre alguns dias da semana. Já a equipa editorial e a empresa responsável pelo grafismo e impressão variou muito ao longo do tempo, tal como os colaboradores que iam dando um contributo mais esporádico à publicação. No entanto, o eixo temático foi-se mantendo, bem como o tipo de jornalismo “justiceiro” e defensor dos valores da verdade e da liberdade, tendo sempre em vista o bem comum e uma sociedade mais justa e equilibrada. Em grandes reportagens, género jornalístico elegido por excelência, o repórter X / *Repórter X* (na sua dupla denominação) conseguiu traçar um retrato fiel do seu tempo, com

mais ou menos sensacionalismo à mistura, mas tendo sempre em mente a sede de novidades exigidos por um público, que, priorizando a realidade dos acontecimentos, não se incomodava com uns pós de dramatismo em excesso.

A morte de Reinaldo Ferreira, em 1935, ditou a morte do *Repórter X*, que, no entanto, e conforme se procurou mostrar, já há algum tempo que vinha sendo anunciada.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, A. d'A. (1931). *O Repórter Xiça (com X)*. Lisboa: s/e [Imprensa Beleza].
- Correia, R. (2016). *Repórter X: Semanário de Grandes Reportagens e de Crítica de Todos os Acontecimentos Sensacionais de Portugal e Estrangeiro*. Ficha bibliográfica. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/ReporterX.pdf>. Consultada em 21 de março de 2018.
- Coutinho, M. J. de C. (2015). *Jornalismo literário em Portugal e no mundo: Abordagem jornalística e técnicas da escrita*. Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação, especialização em Media e Jornalismo, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Domingues, M. (193_). Vinte e quatro anos de vida intensa e tumultuosa. In: M. Domingues (org.), *O Livro do Repórter X* (83-127). Lisboa: Agência Editorial Brasileira.
- Domingues, M. (org.) (193_). *O Livro do Repórter X*. Lisboa: Agência Editorial Brasileira.
- Escaleira, A. (193_). *Reinaldo Ferreira, émulo de Alberto Londres*. In: M. Domingues (org.), *O Livro do Repórter X* (23-35). Lisboa: Agência Editorial Brasileira.
- Fava, F, M, (2010), *Repórter X: O artesão do fingimento*. *Biblos*, VIII: 307-335.
- Ferreira, I, (1932). *Carta aberta aos leitores do Repórter X* [folheto avulso]. Lisboa: (s/e), 6 de janeiro de 1932.
- Ferro, A. (1935). *A Política do Espírito e os prémios literários do SPN. Discurso*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional.
- Ferro, A. (1943). *Dez anos de Política do Espírito*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional.
- Fonseca, J, de S, (193_). Rapsódia em saudade. In: M. Domingues, Mário (org.): *O Livro do Repórter X* (71-84). Lisboa: Agência Editorial Brasileira.
- Godinho, J. (2009). *As origens da reportagem - Imprensa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Godinho, J. (2011). *As origens da reportagem - Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Lima, J. (2004): *O Porto do "Repórter X"*. Porto: Campo das Letras.
- Lima, J. (2007): Reinaldo Ferreira, "Repórter X" e primeiro autor português de novelas policiais. In: Ferreira, R. (2007), *Memórias de um Chauffeur de Táxi* (7-18). Carnaxide: Livros do Brasil.
- Lima, J. (2017). Introdução. In: R. Ferreira [sob o pseudónimo Gil Góis], *O Mistério da Rua Saraiva de Carvalho. Versão integral* (7-30). Lisboa: Pim Edições.
- Lima, J. (2018). Introdução. In: R. Ferreira [sob o pseudónimo Edgar Duque] (2018), *Punhais misteriosos. Versão integral* (7-30). Lisboa: Pim Edições.
- Oliveira, M. de (1973). *Diário de um Jornalista*. Lisboa: s/e [edição póstuma do autor].
- Redondo, B. (193_). O "repórter" Reinaldo Ferreira. In: M. Domingues (org.), *O Livro do Repórter X* (37-47). Lisboa: Agência Editorial Brasileira.
- Rêgo, M. & Sá, L., coords. (1998): *Reinaldo Ferreira (1897-1935)* [catálogo de exposição]. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Rocha, I. da (2001). *O Repórter X e os Futuristas*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

- Rosa, G. P. (2015). *Parem as máquinas! Glórias, peripécias e embustes do jornalismo português*. Lisboa: Parsifal.
- Rosa, G. P. (2015). *O Inspetor da Pide que morreu duas vezes e outras gaffes, triunfos e episódios memoráveis do século XX da imprensa portuguesa*. Lisboa: Planeta.
- Scheufele, B. (2008a). Content analysis, qualitative. In: W. Donsbach (ed.), *The international encyclopedia of communication*. Vol. III (967-972). Oxford: Blackwell Publishing.
- Scheufele, B. (2008b). Content analysis, quantitative. In: W. Donsbach (ed.), *The international encyclopedia of communication*. Vol. III (972-978). Oxford: Blackwell Publishing.
- Soares, J. (1998). Apresentação. In: M. Rêgo & L. Sá (coords.), *Reinaldo Ferreira (1897-1935)* [catálogo de exposição] (5). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media*. 2.^a edição revista e aumentada. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sucena, E. (1996): *O fabuloso Repórter X*. Lisboa: Vega.
- Wimmer, R. D. & Dominick, J. R. (1996). *La investigación científica de los medios de comunicación. Una introducción a sus métodos*. Barcelona: Bosch.